

Estimado Prof. Newton da Costa,

Em 26.2.87

Recebi hoje sua carta de 20 p.p. Respondo-a logo; o Carnaval está aí, tenho duas caixas de Bohemia (nossa cerveja local, muito famosa) reservadas e os amigos já estão telefonando dizendo que vêm aqui em casa. De modo que vou ser compulsoriamente afastado da máquina de escrever por estes dias... O sr. tem toda razão em suas observações; lembrei-me, quando lia sua carta, de duas conversas com o Leopoldo. Uma há muito tempo, em 73. Dei-lhe de presente meu livrinho sobre Marcuse, ele viu, e me disse, "é, mas você não pode assoviar e chupar cana ao mesmo tempo." Mais recentemente, há uns dois anos, um dia o Leopoldo levou uma hora me desancando a respeito de um trabalho (ainda incompleto) que eu estava fazendo. Claro que ouvi quietinho; afinal, além de amigo, ele tem muito mais experiência e competência que eu. Mas no fim da tempestade, me virei para ele e disse, "bom, se eu fizer alguma coisa que preste nessa linha, você me dá uma garrafa de vinho alemão. Se não fizer, você ganha uma garrafa". E ele, "tá bom, mas assim não vale, gosto de você, e você vai me obrigar a torcer contra mim mesmo. E detesto perder apostas."

O background do artigo do JB são umas conversas que tive, durante o 2º semestre de 86, com Emmanuel Carneiro Leão. A paratáxe apareceu na dificuldade de traduzir um certo fragmento de Parmênides. Tenho uma formação clássica boa; no meu tempo de ginásio ainda se aprendia latim e grego no colégio. Eu lia o fragmento, entendia, mas não conseguia traduzí-lo de modo satisfatório. Vi então que o melhor era fazer uma tradução quase literal, e manter as ambiguidades do significado do texto. Pois estamos viciados numa semântica unívoca, e textos paratáticos possuem necessárias ambiguidades semânticas. Ficou reservado, para mim, modelá-los tentativamente por meio de uma catástrofe como a cúspide de Thom; parecem-me como as ambiguidades da Gestalt, figura/fundo ou o cubo "transparente". Aí, depois de seis meses brincando com isso, vem o Décio e me diz tudo aquilo... Não; hesitei um pouco, mas acabei achando que devia responder para acertar as coisas. Em tempo: fui buscar o tal fragmento de Parmênides para tentar uma síntese, numa conferência feita em nosso Forum de Ciência e Cultura (o Instituto) sobre Ordem, Caos e Tempo na Física. Quer dizer, foi um passeio fora

de minha área, mas nela começando e nela terminando.

O trabalho com Maria Beltrão tem outros motivos. Dela nos aproximamos, minha mulher e eu, porque participamos há anos de movimentos preservacionistas em Petrópolis, e havia notícias a respeito de remanescentes indígenas na região. Daí nosso contacto evoluiu para uma questão que me interessava: modelar figuras geométricas encontradas nas pinturas rupestres através de uma descrição matemática para o córtex visual. Novamente chegava a uma questão de meu interesse; a linguagem usada era aquela da teoria das bifurcações, em Geometria, que eu havia começado a explorar em Física. O trabalho está ainda incompleto, já que os conceitos básicos evoluíram rapidamente na actual teoria das redes neuronais, mas conto logo publicar a respeito alguma coisa. Nesse meio tempo Maria tem-nos feito, a minha mulher e a mim, espécie de consultores ad-hoc, e no trabalho sobre o homem de 300 000 anos tive que, junto com o Danon, do CBPF e do Observatório Nacional, convencê-la a anunciar a descoberta formalmente. Ela então me pediu para ajudar na redação do texto, o que fiz, acrescentando as observações (e os cálculos) sobre a demografia da América e o passado de suas linguas. Maria é muito tímida, e apesar de ter na mão um report de um laboratório europeu de primeira linha, especializado em datações do Pleistoceno, e de ter o apoio do Henry de Lumley, principal paleontólogo francês, ainda hesitava em discutir os detalhes da descoberta. Fui, assim, uma espécie de secretário e copy-desk, ajudando-a a dar a forma final no trabalho. Mas, claro, não me aventurei fora daquilo que sei.

Na verdade, estudos interdisciplinares são um conceito que se inventou porque a educação, há cem anos atrás, <sup>ya</sup> exigia que um matemático fosse também versado, e bem, nas humanidades - e também o humanista. Penso aqui nas discussões de Spengler sobre as matemáticas apolínea e faustiana, ou na aula de Heidegger sobre o conceito de tempo, em que ele vai de Cantor e Einstein até Rickert. Ainda peguei o finzinho deste tipo de educação aqui; meu pai a chamava "l'éducation française", mas havia a versão germânica, "mitteleuropäische Bildung". A gente pode se especializar, mas tem que ter um background bem ~~ampla~~ amplo. Acho que o sr. concorda comigo nisso.

Com um grande abraço do

Francisco Antonio Lima